

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Com a Linha de Sombra

2 de Outubro de 2025

JIBUN NO ANA NO NAKADE / 1955

“Cada Um na Sua Cova”

um filme de Tomu Uchida

Realização: Tomu Uchida / Argumento: Yasutarō Yagi a partir de um romance de Tatsuzō Ishikawa / Fotografia: Shigeyoshi Mine / Música: Yasushi Akutagawa / Interpretação: Rentarō Mikuni (Shōnosuke Ihura), Yumeji Tsukioka (Nobuko Shiga), Mie Kitahara (Tamiko), Jūkichi Uno (Tetsutarō Komatsu), Nobuo Kaneko (Junjiro), Harue Tone (Keiko), Bokuzen Hidari (Hota), Masao Shimizu (Fujita), Tanie Kitabayashi (tia), Osamu Takizawa (tio).

Produção: Nikkatsu (Japão, 1955) / Produtor: Kaneo Iwai / Cópia: DCP, preto e branco, falada em japonês, legendada em português / Duração: 125 minutos / Estreia comercial: 28 de Setembro de 1955, Japão / Estreia comercial em Portugal: 4 de Novembro de 2021 em 3 salas (Lisboa e Porto) / Primeira exibição na Cinemateca.

Jibun no Aka no Nakade foi uma das primeiras produções da Nikkatsu que, com a guerra, e devido ao plano de fusões de empresas imposto pelo governo japonês, ficou adstrita à distribuição (mantiveram-se em funcionamento as produtoras Toho, Shochiku e Daiei). No seu *Le Cinéma Japonais*, Tadao Sato descreve esta conjuntura: “Depois da Guerra a sociedade ganhou dinheiro distribuindo filmes americanos e tenta refazer os estúdios e, em 1954, acaba por refazer os novos estúdios em Chofu, nos arredores de Tóquio.” Sato revela ainda que para conter a “hemorragia” de actores e técnicos contratados para a nova grande produtora, as restantes uniram-se e impuseram restrições a todos aqueles que fossem trabalhar para a Nikkatsu, sem a sua concordância, o que limitou em muito a liberdade de escolha, muito particularmente dos mais desprotegidos. Depois de mais de uma década sem filmar (havia concluído uma longa em 1942), em 1955 Tomu Uchida (1898–1970) realiza três filmes, sendo **Jibun no Aka no Nakade** o terceiro e o único que na década de cinquenta produz com a Nikkatsu.

Em **Jibun no Aka no Nakade** Uchida retrata a sociedade japonesa sua contemporânea e um certo desencantamento face ao mundo a partir do drama de uma família em desintegração associada à morte do pai. É um filme negro que aborda as dificuldades das mulheres em encontrar o seu lugar na sociedade japonesa do pós-guerra, mas também dos homens, e em particular dos homens pobres ou em dificuldades, que contrastam com o “herói” que se impõe com o capitalismo crescente, em que triunfa a lei do mais forte. Mas, desde os primeiros filmes, que Uchida realiza ainda nos anos trinta, era já manifesta a tendência do cineasta para uma apologia das classes mais desfavorecidas face a uma burguesia retratada com alguma virulência, não obstante a pluralidade de géneros que abraçou.

Jibun no Aka no Nakade é uma obra de personagens fortes (mesmo as fracas são fortes), configurando o seu destino uma metáfora do Japão dos anos cinquenta. Se Uchida é discreto nas imagens (não nos referimos à extraordinária mise en scène, com um apurado tratamento do espaço, muitas vezes fazendo um uso exímio da profundidade de campo), não o é nem nos sons, nem no carácter incisivo das palavras e dos diálogos. No caso do som, sobressai uma componente quase abstracta, com um fora-de-campo de um caos urbano, que por vezes vemos nas imagens (os transportes públicos, os lugares em construção), mas também o som dos aviões militares que, como diz uma das personagens a dada altura, remetem para um “Japão que é uma colónia norte-americana”. Já não estávamos nos anos da ocupação, mas em 1955 assistia-se a uma “colonização” económica sem precedentes, que prolongava aquela iniciada nos anos da reconstrução.

Estabelece-se assim de entrada a atmosfera de “Cada Um na Sua Cova”, o título português de **Jibun no Aka no Nakade**. “Cova” é entendido num sentido duplamente literal e figurado, alcançando um significado que em muito ultrapassa o atribuído em francês ao filme, “Chacun dans sa coquille”, ou o inglês, “A Hole of My Own Making”, que acentuam o individualismo. Komatsu, não cava a sua cova, mas ocupa a cova de outro, que de manhã é obrigado a abandonar. Percebemos que se encontra nos arredores de Tóquio, na “Selva de Shinguku”, como tão sarcasticamente descreve a uma mulher num bar da cidade, onde vai ao encontro de Ihura, o médico seu amigo. Em conjunto fazem o diagnóstico de uma família com dois filhos adultos que, criados pela madrasta, “cresceram no cepticismo”, mulher ainda jovem, e viúva de um grande amigo de ambos, que acaba de morrer. É sobretudo entre estas cinco personagens que tudo se joga.

Num mês em que prossegue um Ciclo dedicado a um dos grandes mestres do melodrama (mexicano), Rovertó Gavaldón, encontramos em **Jibun no Aka no Nakade** alguns dos mecanismos comuns ao género: a oposição clara entre os protagonistas; Tamiko e Junjiro/Nobuko e Komatsu/Ihara, sendo que entre estes últimos o contraste é mais notório. Komatsu, um homem pobre e tímido, mas com princípios, que perde o seu emprego numa fábrica de munições que “passou a ser controlada pelo Pentágono”. Ihara, médico promissor e um mulherengo com poucos escrúpulos. “O que um tem a mais, o outro tem a menos”, verbaliza uma das duas mulheres.

Jibun no Aka no Nakade é de uma acutilância desconcertante. Tal é claro na mise en scène, mas também na secura dos diálogos. “Estar apaixonado é a aventura da humanidade”, afirma cinicamente Junjiro, o filho acamado, cuja visão desencantada do mundo simboliza um Japão à deriva. Como Nobuko, Komatsu é outro dos grandes sacrificados da história, no seu total desfasamento face a um mundo que lhe é hostil, e que é hostil a tudo o que ele representa: uma certa pureza do olhar, os bons sentimentos, a nostalgia pelo passado, mas também uma timidez que não se coaduna com a agressividade dos tempos presentes, que também são os nossos. Uma família em desagregação e uma refinaria parada, imagens que não necessitam de palavras num Japão em crise. Mas a maior violência vem dos mais próximos, numa traição motivada pelo amor, que em última instância redundava também em dinheiro.

Joana Ascensão